

## 4. Historia y ciencias sociales: América Latina

**Martin Lienhard: *Disidentes, rebeldes, insurgentes. Resistencia indígena y negra en América Latina. Ensayos de historia testimonial.* Madrid/Frankfurt/M.: Iberoamericana/Vervuert 2008. 164 páginas.**

Martin Lienhard continúa en este libro el maravilloso trabajo al que sus lectores estamos acostumbrados: agudizar la escucha para intuir, entre los ensordecedores discursos de la historia “oficial”, las voces de los silenciados. Los documentos, testimonios de indígenas y de esclavos africanos y sus descendientes (procesos inquisitoriales, informes oficiales, una extraña autobiografía), tienen en común el dar cuenta de la *rebeldía*; entre sus líneas se divisan los discursos y las estrategias políticas de los insurgentes. Esto lo logra Lienhard a través de un rodeo, complejo pero necesario, ya que se encuentran muy pocas fuentes “directas” de los sometidos, especialmente de los esclavos negros. Este libro intenta, a través de una heterodoxa comprensión de la *historia testimonial*, leer estos documentos, escritos en su mayoría desde el poder, pasándole a la historia el cepillo a contrapelo. En la mejor de las tradiciones benjaminianas se trata de recuperar las alusiones, las marcas, los indicios. Una apuesta, a la vez, por la *microhistoria*.

La rebeldía se propone aquí, siguiendo a Camus, como “el surgir de la conciencia con la revuelta”. Los sublevamientos no son planeados de manera racional sino consecuencia del establecimiento de un límite a lo que ya no resulta tolerable. A través de seis capítulos el autor da cuenta de estas “rebeldiones de la dignidad”. Desde el juicio inquisitorial contra don Carlos Ometochtzin Chichimecatecuhtli (Méxi-

co, 1539), hasta el levantamiento de Juan Santos Atahualpa (Perú, 1742-1755) o, unas décadas más tarde, las sublevaciones de cimarrones en la Luisiana española (1789) y en Santo Domingo (1785-1794) así como descubriendo documentos sobre la insurgencia negra en las plantaciones del Caribe y Brasil, el texto recupera, en un gesto profundamente ético, la visión, o mejor aún, la *escucha*, de los vencidos. Sus voces, escondidas en los intersticios, poseen una claridad que asombra: desde la pregunta por la existencia y las fuentes del derecho –“¿Quiénes son estos que nos deshacen y perturban y viven sobre nosotros?”– articulada por don Carlos Ometochtzin Chichimecatecuhtli (cap. I) a las rebeliones “mesiánicas” que prometían/esperaban un futuro distinto que recuperara una parte de la cosmovisión y la genealogía inca –“Ya a los españoles se les acabo su tiempo”, el manifiesto de lucha de Santos Atahualpa (cap. II)–, hasta la precisa descripción de la experiencia de la cosificación humana –“el esclavo es un ser muerto ante su señor”, como escribe Juan Francisco Manzano en su autobiografía (cap. V)–.

“Sólo aquel historiador que esté firmemente convencido de que hasta los muertos no estarán a salvo si el enemigo gana tendrá el don de alimentar la chispa de esperanza en el pasado”, escribe Benjamin en su último texto. Lienhard sabe encender esa chispa iluminando a sus lectores las huellas de las historias desplazadas al lado de la sombra.

*Liliana Ruth Feierstein*

**Mariano Delgado/Lucio Gutiérrez: *Die Konzilien auf den Philippinen*. Paderborn: Ferdinand Schöningh 2008. 304 páginas.**

The book forms part of the series *Konziliengeschichte*, edited by Walter Brandmüller. It is preceded by a selected bibliography and contains an index. The first Chapter gives a short introduction to Philippine Church History from the Spanish Conquest over the American period to the late 20th Century.

To deal with the first Synod of Manila in 1582, Mariano Delgado examines the various memorials of this ecclesiastical meeting and compares it to the teachings of the Indian protector Las Casas. The protagonists of these discussions, like the Jesuit Alonso Sánchez, are introduced by short biographical information in the footnotes. The first council in the Philippines 1771 took place within the frame of the Bourbons' regalism. As the other councils of this period, it was never approved by the Spanish Crown and its files never reached the Holy See in Rome.

The first post-Spanish council in the Philippines was held under the impression of the late 19<sup>th</sup> century independence movement and the subsequent conquest by US-American troops. The main subjects were a nationalistic schism produced by the Philippine priest Gregorio Aglipay, who founded the *Iglesia Católica Filipina Independiente*, later called *Aglipayan Church*, as well as the arrival of protestant missionaries together with the US-American administration. To the disappointment of the catholic population, the Holy See still showed a non-acceptance of a vernacular clergy, which became apparent in the appointment of American bishops in place of Philippine born churchmen.

A somewhat biased standing of the authors throughout the book becomes

manifest in the ascertainment that the Filipinos by this time "had never heard of other religions than Catholicism" (p. 169). For a student of the Muslim Philippine history it is quite difficult to agree with such a statement.

The first plenary council in the Island State 1953 has been celebrated seven years after the Philippine independence in 1946, presided by an Australian Cardinal. The fathers of the church expressed their pride of being the only catholic nation in Asia and called for a national mission to spread Christendom in this densely populated continent, not without pointing to the problem of inner schisms like the growing *Aglipayan Church* and outer threats as the Chinese communism. Judging from the information given by the authors, the plenary council of 1953 was the first one that dealt with some detail the non-Christian minorities in the Philippines, calling for a re-enforced proselytism among them.

A second plenary council in the Philippines was held in 1991, when the population of the Philippines had more than doubled since the first one, counting then with almost 50 million Catholics. The part of the book dealing with the 20<sup>th</sup> century, written by Lucio Gutiérrez, is based mainly on the files of the councils and on the authors own experiences as a churchman. It lacks the analytic approach that is employed in the first three chapters. While giving a useful introduction to the documentary sources regarding the councils in the Philippines, especially the latter part of the book oftentimes applies a language that seems more appropriate for a pastoral letter.

*Lasse Hölck*

**Max S. Hering Torres (ed.): *Cuerpos Anómalos*. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia 2008. 299 páginas.**

O livro editado pelo professor Max S. Hering Torres do Departamento de História da Universidade Nacional da Colômbia é de grande profundidade e pertinência teórica. O corpo é aqui tema de discussão com enfoques variados, entre eles a antropologia, a saúde coletiva, a medicina, a educação, a filosofia, a religião, a política e a criminologia, num amplo panorama sobre essa temática na América Latina, especialmente na Colômbia, e na Europa em tempos históricos que vão desde a colonização até os tempos atuais em que neurocientistas se tornaram celebridades pop.

Mas a abordagem do corpo que encontramos nesse livro tem uma opção política e teórica clara. Trata-se dos corpos desviantes, dos situados à margem dos processos culturais, políticos, educacionais e sanitários, que têm os corpos brancos, europeus, masculinos e católicos como padrão. Podemos apontar como referências teóricas comuns entre os autores colombianos, alemães, austríacos e italianos os trabalhos de Michel Foucault, Michel de Certeau e Jacques Le Goff. Alguns autores recorrem também a estudos contemporâneos influentes e em plena atividade como, entre outros, Judith Butler e Nikolas Rose.

A abundância de documentos históricos pesquisados é um ponto alto do livro, assim como o recurso a trabalhos precursores de autores latino-americanos.

As poucas imagens escolhidas para ilustrar os capítulos são também resultado de amplas pesquisas e de seleção criteriosa. A imagem que ilustra a capa do livro e que pode ser melhor vista na página 20 é uma gravura do século XVII que mostra uma cena na qual os judeus são ironizados e apresentados como seres híbridos de

humanos e animais, representação essa que procura relacioná-los com o diabo.

As imagens complementam e enriquecem os textos, o que pode ser verificado principalmente no artigo de Gerhard Amerer e Alfred Stefan Wei? que mostra uma gravura de Howard John (1777) retratando o trabalho forçado dos prisioneiros e no artigo de Peter Becher, em que as imagens do acidente ocorrido com Phineas P. Gage; as ilustrações para definir o corpo dos criminosos utilizadas por Cesare Lombroso (1884); ou ainda as recentes imagens computadorizadas do cérebro de 41 assassinos e do grupo controle extraídas do website de Adrian Raine, são de fundamental importância ao argumento do autor.

Uma das ideias centrais do livro é a análise de como a cultura atravessa e define os corpos em diferentes sociedades. Nesse sentido a opção pelos corpos anômalos, assim definidos e considerados, por não se adequarem aos padrões estipulados como “naturalmente” normais, apresentam características relacionadas com a cor da pele, constituição física, gênero e opção religiosa. Nesse sentido a arqueologia histórica é uma opção pela análise da transgressão política, social, moral, biológica, cultural e jurídica dos desviantes.

Os artigos abordam, entre tantos outros temas: o status dos indígenas para os colonizadores europeus que consideravam que eles eram paridos diretamente da terra; o corpo de Cristo como símbolo das virtudes e atitudes a serem seguidas pelos cristãos em busca da santidade; a cor da pele como parâmetro para definir os não-brancos como anormais e portanto incapazes e desprovidos das características básicas que definem o ser humano, o homem civilizado.

O corpo infantil, o corpo feminino, o corpo “escuro”, o corpo dos “selvagens”, o corpo dos prisioneiros e o corpo dos ju-

deus são exemplos clássicos de corpos anômalos e não são poucos os argumentos e evidências históricas apontadas pelos autores.

Nesse contexto, por exemplo, a amamentação (lactância) era vista como transmissora de contaminação e de perigos e as hemorróidas eram uma prova de que os homens judeus (e só eles) “menstruavam”. Os preconceitos difundidos e solidificados em relação a esses grupos sociais eram além de naturalizados, estratégias de poder e de dominação política e religiosa.

Corpos dóceis e controlados através de biopolíticas como Michel Foucault os define atravessam todos os textos. Um exemplo concreto sobre isso pode ser verificado no artigo de Diana Obregón Torres que aborda o processo de vacinação contra a varíola ocorrido na Colômbia entre 1840-1922. Combater a varíola era para o governo da época uma busca dos parâmetros coloniais de civilização e para isso foi necessário contar com apoio da igreja católica e do exército. O controle dos corpos aqui não é mais, ou apenas, o controle do corpo individual, mas sim o do corpo coletivo.

Um outro exemplo de biopolítica, encontra-se no artigo de Gerhard Ammerer e Alfred Stefan Wei? no qual analisam como que os corpos dos prisioneiros eram considerados socialmente inúteis, e economicamente úteis para a realização de trabalhos pesados, no início do capitalismo europeu.

Se essas perspectivas de controle dos corpos desviantes aparentemente estão datadas na história, os autores parecem nos querer alertar para o fato de que elas recorrentemente ressurgem nos tempos atuais.

O livro é excelente e poderá se tornar uma referência importante aos pesquisadores e pesquisadoras de várias áreas do conhecimento. Poderá também ser de in-

teresse geral a todas as pessoas interessadas em estudos com alternativas teóricas transdisciplinares, argumentos e análises rigorosas, ampla pesquisa nas fontes, ousadia e pertinência social e política.

Um único porém se apresenta nesse livro que é (contraditoriamente) a diversidade lingüística dos textos. O leitor ou leitora que não domina as três línguas (espanhol, alemão e inglês) nas quais os artigos foram publicados não poderá desfrutá-lo na sua totalidade.

Marcos Reigota

**Anja C. Gebel: *Ombudsinstitutionen in Lateinamerika. Die Kunst des Überzeugens und politische Machtinteressen.* Frankfurt/M., etc.: Peter Lang 2008. 141 páginas.**

La institución del *ombudsman* que proviene, como indica su nombre, de Europa, ha encontrado su mayor éxito en América Latina, donde se le conoce con distintas palabras, siendo “defensor del pueblo” la de mayor uso. Las funciones y el funcionamiento, así como los logros de estas “defensorías” son el objeto del breve estudio de Anja Gebel, que es fruto de una *Diplomarbeit*. Su acercamiento al tema es desde la perspectiva de la ciencia política, es decir, en el centro de la atención queda la pregunta por el “éxito” de la institución, medido en funcionamiento institucional y el impacto que la institución tiene sobre la sociedad y la política de los países donde actúan. Este análisis se divide en dos secciones: un análisis bibliográfico sobre la institución de la defensoría en general y en América Latina, y un estudio empírico del caso de Panamá. La selección de este ejemplo no parece la más feliz si el ejemplo quiere ser ejemplar, dado que es una

de las defensorías más recientes y más débiles: de los 14 países de la región con defensorías del pueblo, es uno de los tres donde esta institución no tiene rango constitucional. De manera que los resultados, no muy alentadores, de la encuesta que hizo la autora no son representativos para la performance de las instituciones en la región. Lamentablemente, defensorías de larga trayectoria como la peruana, la colombiana o también la boliviana, son tratadas solamente de manera pasajera.

El enfoque institucionalista del trabajo deja fuera casi enteramente las dimensiones históricas y jurídicas que serían imprescindibles para un entendimiento íntegro de las defensorías. Cuando la autora se pregunta por las tareas y los criterios del éxito de las defensorías que quiere medir, las respuestas son poco claras. El posicionamiento de las defensorías en el contexto institucional de los estados de América Latina no se explica por un supuesto requisito de llenar un vacío institucional entre tantos otros órganos de control. El surgimiento de las defensorías a partir de 1985 (siendo Guatemala el primer país) está estrechamente ligado a la lucha de la sociedad civil por las garantías de los derechos humanos, un aspecto que explica en parte por qué sus atribuciones están a veces en conflicto con otras instituciones que teóricamente tienen las mismas tareas pero que quedaban desprestigiados después de las dictaduras o por el desgaste general de los sectores judiciales y de control en el continente. Los problemas jurídicos que produce este origen político de las defensorías hubiera valido bien un poco de atención porque en parte explicarían también la discrepancia entre expectativas –un tanto difusas– y los logros limitados que la autora describe.

Aun así, ante una inmensa literatura en inglés y español sobre el tema, este breve trabajo es bienvenido como entrada, en

idioma alemán, a un tipo de institución que sigue fascinando por su novedosa respuesta a anhelos antiguos de la ciudadanía por más posibilidades de participación directa en la defensa de sus derechos y de colocar peticiones.

Rainer Huhle

**Yanna Yannakakis: *The Art of Being In-between. Native Intermediaries, Indian Identity, and Local Rule in Colonial Oaxaca*. London: Duke University Press 2008. 290 páginas.**

The book addresses the role that native leaders – acting as governors, priest's assistants and legal agents – played as cultural intermediaries and political brokers between indigenous communities and Spanish institutions in the Sierra Norte of Colonial Oaxaca. More specifically, the native leader's arenas of influence were the indigenous town council (*cabildo*), the system of forced labor (*repartimiento*), the church and the legal system.

On the one hand, Yannakakis portrays the contribution that indigenous intermediaries made to create a colonial society that resulted to be quite stable nonetheless the sharp social and especially ethnic inequality and the absence of a standing Spanish army. On the other hand indigenous leaders contributed to the merging of a "hybrid colonial culture" (p. 3).

The focus on indigenous intermediaries is particularly fruitful since the study of these groups confirms what recent (post-) colonial studies stress: colonial order is not that easily imposed by conquerors on a conquered people, but from the process of conquest to the establishment of the colonial order, the relation between Europeans

and indigenous people and the new society is characterized by an ongoing process of negotiation within a persistent undercurrent of violence. Yannakakis' emphasis on the fact that "colonial power was not monolithic" (p. 9) is particularly true with regard to more or less remote areas of colonial Spanish America, being situated at distance from vice-regal cities and even provincial capitals.

As this case study of the district of Villa Alta in Colonial Oaxaca shows, the role of indigenous intermediaries was particularly important in shaping local politics within ethnic communities and in directing the relationship between local rule and the Spanish colonial officials. In this context, intermediaries were at the same time communicators and gatekeepers of local autonomy.

The book is based on research in different archives of Villa Alta, Oaxaca, Mexico and Seville (Archive of the Indies). A big part of the rich material consists in criminal and civil lawsuits which allow the author to have a close look at the relationship between local power and colonial rule.

With regard to the theoretical framework of the book, Yannakakis combines a historical and anthropological approach, embedded in a postcolonial perspective with its special interest in the functioning of colonialism through language and the capability of indigenous people to use Spanish discourses to defend their own interests and identity. Yannakakis borrows much from Daniel Richter's analysis of the role of cultural brokers within the social networks of seventeenth-century New York, and particularly Richter's concept of "promise" as a means to conciliate competing demands of indigenous communities and colonial institutions. This approach is complemented by Michel de Certeau's concept of "tactical communi-

cation", referring to the capacity of indigenous intermediaries to maintain in everyday actions the fragile "balance of power" between native communities and colonial state authorities. In this context, Yannakakis is also interested in exploring the limits of these promises and tactics, analyzing historical moments when constant tension drifted to the outbreak of violence.

Yannakakis' book covers the period from the rebellion of Tehuantepec and other native *pueblos* in 1660 to the end of the colonial period in 1810, studying the role of native intermediaries in political negotiation, legal conflict and violent rebellion. In this period Yannakakis portrays the formation and growing interpenetration of colonial institutions and what is called the native "shadow system", a differentiation borrowed from Laura Lewis' distinction between a Spanish-Christian "sanctioned domain", controlled by the crown and the church, and an indigenous "unsanctioned domain", characterized by its own social networks and cultural logics.

Following Yannakakis, the period under investigation can be characterized by a growing endeavour of the crown and the church to enforce cultural homogenization and political centralization, accelerated particularly under the Bourbons. Notwithstanding, this process was never completely accomplished. While under the colonial concept of the "indio" the variety of indigenous cultural identities remained, indigenous leaders found ways to strengthen their control over indigenous municipalities, using tactics of negotiation and conflict with the colonial institutions. Through cultural brokerage and political negotiation native intermediaries helped to build up and stabilize a complex power system that even survived the transition from the colonial period to independence. Yanna Yannakakis ends her

conclusions with an observation regarding the *longue durée* of power relations and social integration of Mexico, stressing the link between the colonial double role of native intermediaries between the colonial state and local municipalities with the ongoing tension in the Mexican nation-state between two different models of national integration: multiethnicity versus – assimilating – *indigenismo*.

*Christian Büschges*

**Sabine Kurtenbach/Werner Mackenbach/Günther Maihold/Günther Wunderlich (eds.): *Zentralamerika heute. Politik, Wirtschaft, Kultur*. Frankfurt/M.: Vervuert 2008. 866 páginas.**

La edición de un libro que cuenta con contribuciones de 37 autoras y autores es una tarea hercúlea que conlleva inevitablemente dificultades de las que el lector tiene que ser consciente y que, por ello, es preciso mencionar aquí. Los artículos tienen diferentes planteamientos y procedimientos metodológicos y teóricos, y van desde estudios económicos basados en teorías del desarrollo pasando por narrativas de enfoque biográfico hasta análisis marxistas sobre las relaciones de poder. El segundo problema es que se necesita mucho tiempo para recoger y editar tantas contribuciones, por lo que los artículos varían considerablemente en su fecha de redacción, habiéndose concluido algunos ya en 2004-2005.

Sin embargo, teniendo en cuenta estas limitaciones, *Zentralamerika heute* es una aportación importante al fomento de la percepción de una región periférica que desde la destitución de los sandinistas en Nicaragua y el fin de la guerra civil en Guatemala ha perdido casi por completo

la atención pública en los países de habla alemana. Al centrarse en la diversidad de las realidades centroamericanas, el libro da una visión conjunta sobre los fascinantes desarrollos complejos y muchas veces contradictorios en la región. En principio, los artículos analizan sus objetos de estudio desde una perspectiva regional, incluyendo todos los siete países centroamericanos en el análisis, pero insistiendo en las particularidades y diferencias de cada nación y, a sabiendas de que no todos los asuntos tienen la misma importancia en todas partes, unos artículos se centran en uno o varios países en concreto.

El libro se divide en cinco partes, empezando por una introducción general sobre la cultura y la civilización de la región. Esta parte, que abarca aproximadamente 130 páginas, da una visión general sobre los espacios naturales y las condiciones geográficas del istmo. Trata sobre los particulares problemas de desarrollo de los pequeños estados centroamericanos desde mediados del siglo XX y las cuestiones ligadas a las amenazas ecológicas, así como la situación periférica de la población caribeña o las perspectivas de los mayas guatemaltecos en el siglo XII entre las pretensiones conflictivas de la nación multiétnica y la identidad nacional.

La segunda parte, “Poder y política” (aprox. 170 páginas), analiza temas como las élites del poder, los sistemas políticos, las estructuras internas de los Estados, el proceso de integración regional y la política exterior. Tres artículos tratan sobre varios aspectos de los procesos de paz desde la década de los años noventa. Se centran en los problemas socio-económicos que se plantean durante la transición hacia una sociedad que vive en paz, en la política del pasado y en el papel de las mujeres durante el proceso de paz en Guatemala.

El impacto de la globalización acelerada sobre las economías y sociedades

centroamericanas está en el centro de la atención de la parte siguiente: “Economía y sociedad” (aprox. 180 páginas). Esta parte pone su acento sobre los problemas estructurales de la agricultura, que aumentan las posibilidades de los nuevos productos no tradicionales y pueden fomentar la Industrialización y la diversificación de las exportaciones. Más allá de la economía, esta parte del libro se centra también en la migración, la situación de los refugiados y las pandillas juveniles en los centros urbanos como fenómenos sociales particulares en los países centroamericanos. Tampoco faltan reflexiones sobre el papel social de las corrientes religiosas del catolicismo y del protestantismo.

La cuarta parte, “Cultura, formación y ciencia”, con aprox. 280 páginas, es la parte más extensa y constituye una colección más bien heterogénea de artículos que tratan sobre las tendencias recientes en los ámbitos de la literatura, del cine, de la música y de las artes plásticas. Contiene en particular artículos sobre Ernesto Cardenal o sobre la posición de las escritoras en la literatura centroamericana, así como reflexiones sobre las lenguas y culturas en Guatemala o la campaña de alfabetización en Nicaragua, siendo el artículo sobre este último tema de la pluma del entonces ministro de Educación en Nicaragua, Carlos Tunnermann Bernheim.

La parte última (aprox. 50 páginas) gira en torno a las relaciones entre Alemania y América Central. Por un lado analiza las tendencias y los retos de la cooperación oficial para el desarrollo, por otro lado describe las coyunturas en las relaciones de la sociedad civil hacia América Central y el papel destacado de las organizaciones no gubernamentales en este ámbito.

Los artículos del libro no se conforman con analizar las causas de los problemas, explicar las relaciones entre los fenómenos o narrar las historias de procesos

de cambio, sino que se empeñan también en sugerir propuestas para resolver los problemas urgentes que afligen a los países del istmo. Numerosos gráficos y tablas, así como una cronología que llega hasta junio de 2008 y un índice de personas convierte a *Zentralamerika heute* en un valioso manual de consulta para todos los interesados en la región.

Peter Fleer

**Jeffrey L. Gould/Aldo A. Lauria-Santiago: *To Rise in Darkness. Revolution, Repression, and Memory in El Salvador, 1920-1932*. Durham: Duke University Press 2008. 368 páginas.**

Se considera la Matanza del año 1932 en El Salvador occidental uno de los actos más brutales de represión en la historia moderna de América Latina. A pesar de ser un acontecimiento prototípico de la opresión social y étnica en el subcontinente, las descripciones existentes de la represión son fragmentarias en varios aspectos y dejan muchas preguntas sin respuesta. Ya el número de muertos, cuyas estimaciones varían entre algunos miles hasta la famosa cifra de treinta mil, da margen a especulaciones. ¿Hasta qué punto se puede calificar la Matanza de genocidio? Gould y Lauria-Santiago, después de una evaluación cuidadosa, llegan a una respuesta afirmativa, al mantener que más allá del número absoluto de muertos, la Matanza constituye una forma de genocidio por el contexto social y el enfoque racista de la represión, aunque relativizan la perspectiva simplificadora que considera los eventos de enero de 1932 como una masacre antiindígena.

Sin embargo, no es ésta la cuestión central del libro, que se centra más bien en



dos cuestiones cuya importancia va más allá de la historia nacional de El Salvador. Una gira en torno al papel de la población indígena en la rebelión, los conceptos de las élites comunistas urbanas respecto a la rebelión local y las relaciones entre ambas. La otra estudia la formación de una memoria distorsionada sobre la rebelión y las masacres y su impacto a largo plazo en los supervivientes y los descendientes de las víctimas de la violencia.

Los capítulos uno y dos describen la transformación estructural de la sociedad rural en la década de los años veinte, cuando se formaron más claramente los grupos de colonos residentes en las plantaciones y de jornaleros inmigrantes semiproletarios que iban a constituir la base social de la movilización en El Salvador central y occidental. Demuestran cómo se ampliaba al mismo tiempo el abismo entre las clases media y baja y la oligarquía, debilitando la hegemonía de las élites y abriendo espacios para reformas políticas y sociales que desafiaban el poder oligárquico. Sin embargo, la crisis económica de finales de la década acabó definitivamente con los débiles inicios reformistas, radicalizando el movimiento obrero activo que vio frustradas sus ambiciones políticas.

Los cinco capítulos siguientes tratan sobre las dimensiones étnicas, políticas y culturales de la movilización rural, haciendo hincapié en las expresiones discursivas de la militancia del pueblo y de los líderes locales. Analizan cuidadosamente cómo influían entre sí los procesos de decisión y de acción a nivel nacional y local entre la base social y el liderazgo del movimiento obrero salvadoreño. Basándose en textos literarios sobre los acontecimientos de enero de 1932, en fuentes de la Comintern y de archivos salvadoreños y declaraciones de testigos de la época, describen detalladamente la insurrección y los patrones de la represión.

El análisis lanza una discusión profunda sobre esta importante época en la historia de El Salvador. Sin embargo, al abordar la dimensión étnico-nacional y revolucionaria de la insurrección, inicia también una discusión más amplia sobre el mestizaje y la historia de las revoluciones. Demuestra que la noción de la comunidad indígena cerrada ha impedido captar la complejidad de la unión conflictiva entre comunistas urbanos e indígenas rurales. Por consiguiente, los autores rechazan una perspectiva simplista que busca definir la calidad comunista del movimiento. Por el contrario, mantienen que la revuelta de 1932 surgió de la transformación de un movimiento sindical radicalizado que se volvió revolucionario bajo la presión provocada por la frustración en los campesinos y los jornaleros agrícolas debido a la abrogación violenta de los derechos democráticos y el alza en las tasas de explotación y expropiación.

El último capítulo amplía el foco del estudio hacia la guerra civil de los años setenta y ochenta y las masacres brutales de 1980. Al analizar las narraciones sobre la rebelión y la represión, expone los impactos políticos y culturales a largo plazo de la Matanza de 1932, entre los cuales está la pérdida de dos emblemas étnicos centrales de la población campesina de El Salvador occidental, a saber, los trajes de las mujeres y la lengua vernácula del náhuatl-pipil. Demuestra que el discurso sobre la represión de 1980, que excedió a la de 1932 en su brutalidad, silencia sistemáticamente la breve movilización y las masacres que tuvieron lugar en la región occidental. Esta omisión es una consecuencia directa de la Matanza que fomentó el mito de la pasividad de los campesinos de El Salvador occidental.

*To Rise in Darkness* ofrece nuevas perspectivas sobre una época importante de la historia moderna de El Salvador. Al

analizar el abismo entre identidad local y discurso nacional, que pesa gravemente sobre las culturas políticas en todos los países del istmo, el libro es un aporte innovador para la historiografía de la región entera y merece la atención de todos los investigadores y estudiantes interesados en la historia moderna de América Central.

*Peter Fleer*

**Roddy Brett: *Social Movements, Indigenous Politics and Democratisation in Guatemala, 1985-1996*. Leiden: Brill (CEDLA Latin American Studies, 95) 2008. 229 páginas.**

Desde la perspectiva de las ciencias políticas, el estudio de Roddy Brett analiza los patrones de la acción colectiva que surgieron durante la transición democrática en Guatemala entre la entrega del poder formal de los militares al gobierno civil de Vinicio Cerezo en 1985 y el fin de la guerra civil con la conclusión de los acuerdos de paz en 1996. Trata en particular el papel de los actores indígenas en los procesos políticos que moldearon la democratización y las repercusiones respectivas de la transición sobre los movimientos sociales indígenas, distinguiéndose en este punto claramente de la mayor parte de la literatura política sobre el tema, que se centra en el estudio de las élites como actores sociales.

Dentro del cuadro de la teoría de los movimientos sociales, la monografía tiene un enfoque integral que abarca elementos de la teoría de la movilización de recursos, de los planteamientos orientados hacia la identidad y de los modelos de procesos políticos. Por consiguiente, el análisis de la relación entre recursos y organización se combina con la discusión de

aspectos culturales e ideológicos, prestando especial atención a la construcción e interpretación de sentidos en un contexto político-social sujeto a un cambio permanente. Ante este trasfondo teórico, el libro presenta tres estudios de caso para encontrar respuestas a las preguntas siguientes: ¿cómo y por qué se produjo la movilización de los actores de la sociedad civil durante la transición democrática?, ¿cómo se desarrolló la acción colectiva en el ambiente democrático creciente?, ¿cuáles fueron las repercusiones de la acción colectiva sobre el propio proceso de democratización en Guatemala?

La parte central del libro se dedica pues a la discusión de las transformaciones en las estrategias de organización, las plataformas, la composición social de los partidarios, los patrones de identidad y las configuraciones de derechos articuladas por los movimientos, detallando sus diferentes éxitos y fracasos en relación con sus propios objetivos. Las organizaciones en cuestión ejemplifican todo el abanico de patrones de movilización tal y como se desarrollaron en el período en consideración. El Consejo de Comunidades Étnicas, Runujel Junam (CERJ), fue fundado en 1988 en el altiplano del departamento Quiché en contra del reclutamiento forzoso para las Patrullas de Autodefensa Civil (PAC) que habían sido instauradas por los gobiernos militares. La Coordinadora Nacional Indígena y Campesina (CONIC) empezó sus actividades en 1992 en la costa sur y el altiplano del oeste, luchando por la restitución de terrenos de campesinos indígenas y ladinos, la protección de sus derechos laborales y el fortalecimiento de la cultura maya. Fundado en 1993, Defensoría Maya empezó por ofrecer apoyo legal a las personas indígenas víctimas de violaciones de los derechos humanos, pero tenía como objetivo a largo plazo la promoción y protección de los

derechos colectivos de los pueblos indígenas, haciendo hincapié en la revitalización del sistema de justicia indígena y la reconstrucción de las estructuras locales de autoridad.

El estudio demuestra que las reivindicaciones que se habían mantenido al principio del ciclo de protesta dentro del clásico concepto limitado de los derechos humanos se transformaron en un concepto de derechos más ancho, incluyendo también derechos sociales, económicos y culturales. En este proceso la campaña del Quinto Centenario de 1992 tuvo una importancia particular al entablar una dinámica internacional que fomentó la cristalización de un discurso indígena hegemónico que iba a integrar los discursos de los movimientos populares. En un contexto político que oscilaba entre una apertura política vacilante y un clima de violencia menos intenso pero no obstante real y frente a la resistencia eficaz de las élites contra cualquier intento de reforma social, la argumentación de los movimientos sociales empezaba a dar más importancia a los derechos y las identidades étnicas, ya que prometía ser más exitosa para lograr sus objetivos. Con ese fin los movimientos sociales tendieron a dar esencia a la cultura maya como concepto fundamental del discurso político.

Aunque durante la lectura surge de vez en cuando la impresión de que el autor sobrestima los progresos en la democratización en Guatemala, el libro es una contribución extraordinariamente valiosa al debate interdisciplinario de la formación y transformación de los movimientos sociales. En un sentido más general queda por esperar que el cuidadoso estudio de Roddy Brett inspire otras indagaciones sobre la dinámica y los determinantes de los actores sociales no sólo en América Latina.

*Peter Fleer*

**Michael Zeuske: *Von Bolívar zu Chávez. Die Geschichte Venezuelas*. Zürich: Rotpunktverlag 2008. 619 páginas.**

Aunque el título del nuevo libro del latinoamericanista alemán de renombre anuncia una historia de Venezuela desde Bolívar hasta Chávez, Michael Zeuske ofrece una buena visión de 500 años de historia del país caribeño, llena de detalles, que el autor no podía mencionar en su *Kleine Geschichte Venezuelas* (2007). En dos largos capítulos, Zeuske describe la “historia de la periferia colonial” desde una perspectiva transatlántica y ofrece un caleidoscopio de geografías y sociedades, economías y políticas de un mundo atlántico globalizado: los indígenas, los inversores europeos (los Welsers), la coexistencia étnica contra los conflictos interétnicos, las ciudades y los territorios rurales, las minas, el cacao y el tabaco, las guerras de fronteras, así como las revoluciones.

El capítulo tres está dedicado a la guerra de independencia y discute los papeles de los diferentes grupos sociales (como mantuanos y pardos), los conflictos entre las élites y la influencia de una ideología de libertad atlántica. Zeuske describe las luchas, las estrategias y las utopías de Simón Bolívar, quien recibirá una función semi-religiosa por el chavismo, el sueño y el fracaso de la Gran Colombia y –por fin– el establecimiento de la dictadura. La política interior de Venezuela se caracteriza a lo largo del siglo XIX por una serie de caudillos locales, corruptos y autocráticos, que defendían el sistema oligárquico y retardaron los procesos de desarrollo. El dictador Juan Vicente Gómez –Zeuske le nombra “el Rockefeller del ganado”–, quien comenzó a invertir en petróleo, también impidió el desarrollo democrático hasta 1935. Tecnócratas y golpes de Estado caracterizaron la política del país hasta 1989, pero el petróleo lo transformó en

uno de los Estados más ricos de América Latina. Zeuske muestra cómo las antiguas y las nuevas élites propagaron la democracia representativa (como Rómulo Betancourt en los años sesenta) sin asumir la responsabilidad social y analiza cómo se siguieron sirviendo del clientelismo para mantener el poder.

Por fin, el autor dedica cerca de 100 páginas al “fenómeno” Chávez, al presidente provocador, quien, con su retórica placativa y antagónica del demonio y del salvador, produce dos mundos de adherentes y enemigos. Estos dos mundos se manifiestan en unos análisis periodísticos e históricos, no sólo en Venezuela. Ya en la introducción al libro, Zeuske prometió un análisis neutral de la política interior y exterior del presidente venezolano, así como la destrucción de varios mitos y símbolos, tales como los que se produjeron en la izquierda europea en su búsqueda de utopías sociales. Especialmente la parte biográfica se lee como una buena novela que hace comprensible varias decisiones del llanero, quien reanima los discursos de los Llanos como contra-discurso influyente al discurso dominante centrista, formado en la capital. Zeuske muestra cómo la retórica revolucionaria de izquierda del “populista tradicionalista” se distingue de su política económica real de capitalismo. Un buen ejemplo son los Estados Unidos, el archienemigo en los tiempos de George W. Bush, con los que florecen los negocios. El autor observa críticamente algunos desarrollos políticos desde 1999, tales como la presencia de los militares en posiciones claves de la política interior y el clientelismo. En la introducción, Zeuske afirma que Chávez alcanzó a restaurar la soberanía de la nación integrando a la población venezolana al proyecto nacional. La nueva y muy democrática Constitución de 1999 y la reforma agraria son unos elementos esenciales del proceso bolivariano, pero al mismo tiempo el cha-

vismo creó estructuras paralelas en el sector público, que no son controladas. También las enmiendas de la Constitución son signos de un entendimiento político más autocrático que democrático. Sólo a veces uno tiene la impresión de que el autor trata de salvar la imagen de Chávez como nuevo libertador, cuando le califica como un “mago de las ilusiones” y cuando afirma que “desde 1999 Venezuela es quizá el país más libre del mundo”.

Chávez no sólo tiene ambiciones en su política interior. El Banco del Sur, ALBA y Petrocaribe son signos en el proceso integrador del país en el contexto hemisférico. Pues Venezuela tiene un competidor ambicioso en Brasil, que está llevando a la práctica su pretensión de mando en el hemisferio, menos agresivamente, pero más creíble para muchos. Zeuske sabe que la reforma bolivariana rápidamente podría perder su credibilidad, y propone (lo que no es típico de un historiador) varias pautas para una nueva fase del proceso bolivariano, como, entre otras, una nueva política exterior.

El libro *Von Bolívar zu Chávez* es el mejor análisis sobre Venezuela en alemán, porque ofrece un excelente conjunto histórico muy bien escrito, reflexivo e informativo, no sólo para el mundo académico, sino que también para una comunidad de lectores interesados en la historia del país caribeño.

*Ursula Prutsch*

**Steve Ellner/Miguel Tinker Salas (eds.): *Venezuela: Hugo Chávez and the decline of an “exceptional democracy”*. Lanham: Rowman & Littlefield Publishers 2007. 220 páginas.**

Desde la victoria de Hugo Chávez en los comicios de 1998, la radicalización de

la retórica antineoliberal –viviendo su máxima expresión en la proclamación del “Socialismo del siglo XXI”– ligada a las continuas transformaciones que se vienen experimentando en los ámbitos político y económico, pero también sociocultural, han hecho que Venezuela avance de un modelo de democracia liberal-representativa a ser, para algunos, un punto de referencia para modelos alternativos y, para otros, el renacimiento del caudillismo y con esto, la encarnación de un nuevo autoritarismo en América Latina. Aunque resulta ser cierto que en el referéndum de diciembre de 2007, Chávez no obtuvo la mayoría para avanzar con la reforma constitucional, sí ha podido contar hasta el día de hoy con un apoyo indiscutible en todos los demás procesos electorales. El último referéndum, en febrero de 2009, incluso le abrió las puertas para una infinita reelección presidencial. A pesar de esta rotunda legitimación electoral, vale decir que al mismo tiempo se sigue profundizando la polarización en la sociedad venezolana: el número de personas que expresan su desacuerdo con la política estatal prevalece sobre todo en los segmentos de las clases media y media alta. A la vez, son temas como la inseguridad y la violencia, igual que los cortes en el suministro del agua y de la electricidad tanto como la subida de precios y el alto nivel de inflación los que hacen que incremente también la crítica y el descontento en el seno de las clases subalternas, siendo éstas las capas sociales que con la victoria de Chávez en las urnas electorales no solamente han vivido un significativo empoderamiento político sino también han sido las más beneficiadas del encaminado cambio de políticas.

Tomando como punto de partida la durante décadas prevaleciente hipótesis de la singularidad de la democracia venezolana en el contexto de los gobiernos latinoamericanos, esta colección de ensayos, editada por S. Ellner y M. Tinker

Salas presenta su aporte más interesante en la categórica refutación del imaginario de la excepción venezolana. Además, ofrece una amplia introducción a los profundos cambios que tuvieron lugar en el país a partir de 1998. El enfoque se centra en la proclamada transformación y profundización democrática y su actual avance. La reivindicación de crear una democracia participativa y protagónica que centre su atención en un cambio de políticas y un apoyo a las clases tradicionalmente desfavorecidas constituye el marco de referencia de este enfoque. Si bien resulta evidente la simpatía por el régimen actual, tanto los editores como la mayoría de los y las participantes no reducen sus contribuciones a una simple glorificación del gobierno de Chávez. Sin embargo, resulta poco convincente el hecho que se le preste poca hasta ninguna atención a los desafíos y las contradicciones que se presencian actualmente en Venezuela: no se abordan temas relevantes como el personalismo, la re-centralización, la corrupción y el desborde de la violencia.

El volumen se compone de cinco secciones, divididas en diez concisos capítulos. Uno de los méritos de esta publicación es el amplio abanico de temas que abarca y por medio del cual se logra entrelazar el pasado con el presente. Después de la primera sección que está dedicada al contexto y los antecedentes históricos e internacionales, son temas tales como la política económica y petrolera, el papel de los movimientos sociales y de trabajadores, el alcance de estigmas raciales y étnicos, las políticas electorales así como el rol de los EE. UU. y la oposición los que ofrecen, más allá de una vista general de las razones del declive del bipartidismo y el ascenso de Hugo Chávez, un importante aporte para la comprensión de la actualidad en Venezuela.

Varios autores, como por ejemplo S. Ellner, M. Tinker Salas, E. Lander y la

autora M. P. García Guadilla, cuestionan la tesis que prevalece sobre la excepcional naturaleza de la democracia post-1958 de Venezuela, señalando las profundas divisiones sociales y las tensiones por debajo de la superficie. Todos destacan la ignorancia y falta de respuesta por parte de los protagonistas del “pacto de élites de Punto Fijo” que a pesar de todas las protestas y sublevaciones y los dos intentos de golpe militar en 1992, se negaron tercamente a reconocer la necesidad de un cambio profundo en las políticas sociales y económicas. Se evidencia que la acelerada pauperización de las clases populares y con esto la profundización de las brechas sociales y el agotamiento del consenso de élites de 1958 han sido el resultado de la falta de distribución de las ganancias petroleras por un lado y de un evidente aumento de despilfarro, corrupción y manejo clientelar por el otro.

En los capítulos dedicados a la política económica y petrolera del país, M. Tinker Salas examina minuciosamente la relación e interacción entre el respectivo gobierno venezolano y el rol de las empresas multinacionales y el gobierno de EE. UU. El autor evidencia que en cada etapa histórica, las empresas petroleras aceptaron ciertas condiciones, tolerando los intereses nacionales y consolidando así el poder político, mientras seguían influyendo en el gobierno de manera tal que se garantizaran sus beneficios y se siguieran reconociendo los intereses de los EE. UU.

D. Parker hace hincapié en los considerables cambios que se han efectuado en la política petrolera desde el ascenso de Chávez. A pesar de haber sido formalmente nacionalizada en 1976, la empresa petrolera PDVSA siguió operando como una empresa privada y continuó gozando de una independencia de facto, privando al Estado de la recaudación de enormes ganancias. Fue en 2001 cuando Chávez se empeñó en promulgar las reformas petro-

leras, garantizando en consecuencia el control estatal de PDVSA y aboliendo así el llamado “Estado dentro del Estado”. Con esto se abriría el paso para el uso público de las ganancias petroleras, en línea con las nuevas políticas sociales y económicas del Estado. Además, Parker presenta los esfuerzos que el gobierno de Chávez hace para desarrollar un nuevo modelo económico que incluya mayores niveles de participación. Al contrario a muchas observaciones que subrayan la falta de importancia de los movimientos de trabajadores, S. Ellner sostiene que, desde el ascenso de Chávez al gobierno, el movimiento de trabajadores ha estado lejos de ser pasivo. El autor presenta detalladamente los fuertes enfrentamientos que hubo en el marco de las elecciones internas de la Confederación de Trabajadores (CTV) en el año 2001 entre los representantes de la CTV, tradicionalmente dominada por la AD, y las nuevas tendencias moderadas y radicales del oficialismo. Ellner contribuye con su artículo a una mejor comprensión de las dificultades que se presencian incluso en la actualidad en el intento de crear una representación de trabajadores que rompa con la predominante intromisión de partidos políticos (AD y Movimiento Quinta República [MVR]). Uno de los puntos claves en el debate presentado es efectivamente el conflicto por el apoyo sin precedentes a la autonomía de los movimientos de trabajadores, un objetivo que el autor valora difícil de lograr en un país altamente polarizado y con un tenso clima político. J. M. Herrera Salas desafía el mito de la democracia racial, y demuestra la latente discriminación en el pasado y la persistencia del racismo por parte de las clases medias y altas de origen blanco hacia los grupos poblacionales de origen indígena y afrovenezolano. Contrariamente a la imagen comúnmente aceptada de los seguidores

de Chávez como uniformemente pobres, analfabetos, que son fácilmente manipulados por el presidente carismático, C. Valencia Ramírez expone que los miembros de los Círculos Bolivarianos provienen de diferentes estratos sociales y representan un grupo de actores heterogéneos.

El análisis planteado por García Guedilla sobre la trayectoria de los movimientos sociales desde los años sesenta y el surgimiento de diversos actores sociales que han tratado de llenar el vacío dejado por el descrédito de los partidos políticos tradicionales, señala que las organizaciones sociales de ambas partes, tanto de la oposición como de los defensores del proceso, han sufrido una cooptación sea por los partidos políticos de la oposición sea por el oficialismo. El ambiente de tensión incluso ha alentado a varias organizaciones sociales de la oposición a poner sus esperanzas en los militares no democráticos. Y finalmente se abre paso al artículo de D. Hellinger que centra su atención en torno al Revocatorio de 2004 y el rol de las fuerzas opositoras reunidas en la Coordinadora Democrática. La compilación concluye con un consistente trabajo sobre y crítica a la continua intromisión de los EE. UU. en toda América Latina desde la política del National Endowment for Democracy de la era Reagan hasta las políticas antidemocráticas que esta institución sigue apoyando e implementando durante el gobierno de Chávez.

*Ana María Isidoro Losada*

**Peter V. N. Henderson: *Gabriel García Moreno and Conservative State Formation in the Andes*. Austin: University of Texas Press 2008. 310 páginas.**

Gabriel García Moreno es uno de los más interesantes hombres de Estado lati-

noamericanos del siglo XIX. Siendo presidente de Ecuador entre 1861 y 1865, y nuevamente entre 1869 y 1875 puso en marcha un proyecto clérico-nacional que ya había fracasado en México y nunca se llevó a la práctica en otros países sudamericanos, sea por la debilidad del Estado central sea por la de la Iglesia. Dado el carácter peculiar del proyecto político de Moreno, sus biografías se han escrito hasta ahora con el fin explícito de defenderlo o de denunciarlo. Por eso el libro de Henderson se propone “reescribir la vida y el tiempo de García Moreno de una manera más mesurada” (p. XIV). Dentro del género biográfico, el libro de Henderson corresponde a lo que se puede llamar una biografía política moderna.

En un primer capítulo cuenta la niñez, la juventud y los primeros años políticos de García Moreno. El siguiente capítulo ya deja el aspecto más personal e íntimo en un segundo plano para dedicarse a la vida política, en concreto la guerra civil de 1859-1860. Siguen tres capítulos cronológicos que cuentan la vida del hombre político Moreno en las décadas 1860 y 1870 para describir en dos capítulos adicionales el proyecto político de Moreno. Henderson enfoca dos aspectos. Primero, el rol prominente del catolicismo dentro del Estado-nación imaginado por Moreno. Según Henderson, Moreno pensaba que el catolicismo iba a ser el lazo cultural que podía unir la población ecuatoriana para hacer de un sinnúmero de diferentes grupos una nación homogénea. Por eso, Henderson no describe a Moreno como un católico ultramontano que vendía su patria a la Iglesia romana sino muy al contrario como un patriota decimonónico que buscaba una vía para resolver uno de los conflictos cruciales de las jóvenes repúblicas latinoamericanas. A mi entender, Henderson capta muy bien la intención del proyecto político de Moreno pero no presta la

atención debida a las contradicciones de este proyecto, como lo han hecho otros autores para el caso peruano o mexicano (Pilar García Jordán, Brian Connaughton). Es llamativo que el proyecto de Moreno terminara con la muerte de su líder, ya que no encontró apoyo dentro de las élites políticas del país que, con razón, temían el poder de la Iglesia.

Las medidas de infraestructura y construcción institucional son el segundo aspecto del proyecto político morenista analizado por Henderson. El autor subraya los esfuerzos de unir el país a través de la construcción de caminos y enumera una cantidad impresionante de instituciones públicas fundadas o reformadas por Moreno. Es bastante claro que estas medidas correspondían a las ideas liberales de la época respecto a desarrollo, civilización y progreso. Moreno era mucho menos excepcional de lo que muchos piensan. Por eso, es muy acertado calificarle como conservador, aunque Henderson no nos explica de qué tipo de conservadurismo se trata. Pero de su bien documentada biografía se aprende que Moreno era lo que en la historiografía mexicana se ha llamado un liberal-conservador o en la española un moderado. Moreno defendía el Estado-nación y el poder civil. Sin embargo, pensaba incluir la Iglesia como un soporte de la joven república. Éste no era ningún proyecto radical aunque contradictorio. Sorprende por eso que hasta hoy Moreno divida la historiografía y cause debates amargos sobre el pasado ecuatoriano. El libro de Henderson es un gran paso para llegar a una visión más correcta y más informada de la vida y del proyecto político de Gabriel García Moreno.

*Ulrich Mücke*

**Salomón Lerner/Josef Sayer (eds.): *Wider das Vergessen – Yuyanapaq. Bericht der Wahrheits- und Versöhnungskommission Peru* (hrsg. im Auftrag von MISEREOR und der Informationsstelle Peru). Ostfildern: Matthias-Grünewald-Verlag der Schwabenverlag AG 2008. 203 páginas.**

En diciembre de 2009, el presidente peruano Alan García, el escritor Mario Vargas Llosa y otras personalidades entregaron solemnemente, junto con el alcalde de Miraflores, un terreno de ese distrito limeño para la construcción de un “espacio de memoria”, es decir, un lugar en el cual se centralizará la memoria de los años de violencia política que fueron investigados entre 2001 y 2003 por una “Comisión de Verdad y Reconciliación” (CVR). La iniciativa para este sitio proviene de los miembros de esa Comisión, pero a mediados de 2009 sus esfuerzos parecían ya destinados a fracasar, debido a la fuerte resistencia de círculos políticos allegados al gobierno y las fuerzas militares. Una oferta del gobierno alemán para cofinanciar el proyecto había sido rechazada públicamente hasta que interviniera Vargas Llosa. En una vuelta sorprendente, el presidente García llamó entonces a Vargas Llosa a encabezar una comisión para coordinar los trabajos preparatorios del futuro museo o espacio de memoria. El escritor llamó como vicepresidente de la nueva comisión al filósofo Salomón Lerner, ex rector de la Universidad Católica de Lima y ex presidente de la CVR. Así comienza una nueva etapa en los precarios esfuerzos de construir una memoria colectiva de la violencia política en el Perú. El primer gran esfuerzo en este sentido había sido el informe de dicha Comisión de Verdad y Reconciliación, entregado al presidente Toledo en 2003. Este informe hasta el presente no deja de provocar reacciones



hostiles y hasta frecuentes graves amenazas contra sus autores, especialmente Salomón Lerner, pese a que sus nueve tomos con unas 8.000 páginas constituyen un balance de los sucesos en un lenguaje sobrio y equilibrado.

Ante esta situación, el apoyo de la cooperación internacional ha sido de gran importancia para el trabajo de la CVR y lo sigue siendo para el futuro “Espacio de la memoria”. Como resultado de este apoyo, la agencia católica Misereor, junto con la red de organizaciones solidarias con el Perú “Infostelle”, editó un libro en alemán con un resumen de los resultados de la CVR. Su título quechua *Yuyanapaq* es también el título de una gran exposición fotográfica que la CVR compuso para difundir su trabajo y la memoria de las víctimas. *Yuyanapaq* se traduce en el presente libro como “Contra el olvido”, traducción que le quita mucha riqueza a la palabra, que más acertadamente se traduce como “Para recordar”, tal como lo hace la exposición de la CVR. La raíz etimológica *yuyana* significa, además de “memoria”, “idea” y “razón”, una combinación semántica de gran significado para el tema. La exposición *Yuyanapaq* está actualmente en el Museo de la Nación de Lima y será muy probablemente una parte importante en el futuro sitio de memoria. La hoy famosa fotografía titular de la exposición, de autoría de la fotógrafa Vera Lentz, se encuentra también en la carátula del libro en alemán.

Misereor había apoyado anteriormente en el Perú una versión abreviada del informe final de la CVR, editada por primera vez en 2004 y reeditada después en miles de ejemplares, con el título de *Hatun Willakuy* (Gran relato), prefaciado también por Salomón Lerner y Josef Sayer, además de la directora de la Defensoría del Pueblo, coauspiciadora de dicho libro. *Hatun Willakuy*, pese a su carácter de resumen, todavía cuenta con casi 500

páginas, incluyendo los anexos. Tal vez fue este considerable volumen de texto el que motivó a los editores alemanes a no traducir este excelente resumen editado en el Perú que es un texto muy completo y a todos los efectos suficiente para valorar la labor de la CVR. En vez de ello, el libro alemán se basa en una serie de cinco folletos de difusión que fueron redactados en el Perú para hacer llegar los resultados del informe a sectores populares. El lenguaje de estos folletos, por lo tanto, es sencillo y, en consecuencia, muchas veces simplificador. De ninguna manera puede reflejar la metodología de la CVR, el camino por el cual ella llega, a través de minuciosas investigaciones de casos, a sus conclusiones. Como resultado, el texto del libro alemán contiene una gran cantidad de opiniones y juicios de valor que, si bien están también en el informe original, le dan a esta versión doblemente abreviada un tono muy distinto del original y también del *Hatun Willakuy*. Los folletos, en correspondencia con la finalidad para la que fueron diseminados, hacen mucho más énfasis en las conclusiones didácticas y la interpretación de ellas que el informe mismo. De todos modos, la composición de textos en el libro alemán es otra cosa que el informe, o siquiera una versión abreviada del informe. Por lo tanto, es un procedimiento por lo menos cuestionable que la carátula y la página de la tapa interior presenten el libro como “Informe de la Comisión de Verdad y Reconciliación”. Sólo en la breve introducción de los editores alemanes y en una nota editorial al final del libro se explica que no se trata del informe sino de una composición de varios elementos, con los mencionados cinco folletos como núcleo. El único texto original del informe se encuentra en la segunda parte del libro donde se traduce el texto completo de las conclusiones, en sus 171 numerales, del texto oficial de la

Comisión. A ello se agrega el texto de un informe de un taller con algunas interpretaciones más sobre las raíces del conflicto, un breve texto cuya selección para este pequeño libro no se explica.

El comité de redacción que editó esta compilación de textos en alemán explica como motivo del libro la voluntad de “brindar respeto a las víctimas y sus deudos” así como a los miembros de la Comisión de Verdad y Reconciliación, y para buscar que algo parecido “no se repita nunca más” ni en el Perú ni en Alemania. Esperemos que estos objetivos loables se logren a través de la difusión de este libro pese a las deficiencias mencionadas.

*Rainer Huhle*

**Sian Lazar: *El Alto, Rebel City. Self and Citizenship in Andean Bolivia*. Durham: Duke University Press 2008. 328 páginas.**

Producto de una investigación realizada en las ciudades La Paz y, sobre todo, El Alto (Bolivia) entre 1997 y 2004, el libro, que incluye una amplia y valiosa bibliografía, está dividido en dos partes. En la primera analiza, en base a un vecindario de El Alto, o sea, de un espacio geográfico, las prácticas ciudadanas y los sentimientos de identidad que devendrían en la constitución de un sujeto político colectivo. En la segunda, pone énfasis en la organización laboral y formación de agentes políticos en el seno de una economía informal altamente competitiva, tomando el caso de la Federación de Comerciantes Callejeros de esa misma urbe. La autora trabaja con elementos de la antropología, la etnografía y las ciencias políticas buscando articularlos en una “teoría de ciudadanía”. Los aspectos centrales que estudia

son: la relación entre ciudadanía y Estado en una ciudad eminentemente indígena aymara, el rol mediador de las organizaciones sectoriales entre asociados y Estado, las prácticas cotidianas de esta población (la fiesta, danzas, asambleas, etc.) para construir identidad propia, así como la relación ambigua de los ciudadanos alteños con el Estado al aproximarse a él en ciertos momentos y al distanciarse del mismo criticándolo de corrupto. Es sobre la base de estos análisis como la autora busca captar lo que hace posible movilizar a la población de El Alto y lograr imponer sus demandas, como aconteció más de una vez entre 2003 y 2005. Concluye que ello es producto de la capacidad de construir un sentimiento colectivo entre sus miembros que contrarresta el poder de intereses individuales y conflictos sectoriales. El concepto de ciudadanía y la organización colectiva conformarían la base del poder de movilización popular de protesta, la cual se habría convertido en una poderosa forma crítica al Estado neoliberal. Especial importancia da a la constatación, reiterada ya en muchos otros trabajos, de que la concepción liberal de ciudadano de John Locke, y por ende la de la relación ciudadano-Estado de éste, no tiene vigencia en una ciudad como El Alto. En él se contrapondría a la concepción egocéntrica de sociedades occidentales altamente desarrolladas, la sociocéntrica basada en la comunidad o en la organización colectiva. La articulación política de la población alteña sería producto de la interacción de individualismo, prácticas ancestrales comunitarias, de igualitarismo y jerarquía, variadas formas de lucha sindical y nacionalismo; hecho sobre el cual ya se ha insistido en muchos trabajos.

La reiterada insistencia de la autora en que las poderosas y violentas movilizaciones de los alteños en el trienio 2003-2005 simbolizarían una larga insatisfacción con

las políticas neoliberales implementadas en el país, corre paralela a su convicción de que esas acciones potencialmente estarían llevando a una reestructuración del Estado de corte liberal republicano y de la democracia normativa institucional hacia formas de gobierno de raigambre popular. La victoria electoral de Evo Morales a la presidencia de la República ilustraría esta tendencia.

La afinidad de la autora con la población sobre la que ha trabajado y su marcada simpatía por ella devienen en una falta de ponderación respecto de las bondades y las taras de la vida comunitaria indígena y de las realidades poco rescatables para la convivencia entre seres humanos que se dan en El Alto; lo cual no solo ha sido destacado en más de una obra, sino que signa prácticamente la cotidianidad de esa urbe.

*León E. Bieber*

**José Rilla: *La actualidad del pasado. Usos de la historia en la política de partidos del Uruguay (1942-1972)*. Montevideo: Sudamericana Uruguay 2008. 525 páginas.**

José Rilla ha cruzado, como en un *trenzado*, las hebras de la historia política uruguaya, la construcción de las memorias y el relato histórico. Su objetivo es desentrañar el vínculo que desde su mismo origen ha existido entre la elaboración del discurso de los principales partidos políticos orientales (colorados y blancos) y su construcción del pasado.

El trabajo se propone recorrer el “Uruguay clásico”, ese período dorado de la vida económica y social uruguaya que amanece con el “golpe bueno” de 1942, que venía a cerrar el ciclo abierto por Gabriel Terra en 1933. Este período de “res-

tauración batllista” está marcado por la centralidad de los partidos políticos y de sus figuras rectoras, que echaron mano de una reconstrucción del pasado oriental que justificaba un presente tan exitoso. Más allá del corte temporal propuesto, el trabajo se ha proyectado hacia atrás y hacia delante en el tiempo. A pesar del consenso que se verifica en torno a la necesidad y rol pacificador de los partidos uruguayos, Rilla rastrea una tradición antipartidaria que se enraiza en el siglo XIX. Una mirada que veía en los “bandos” un freno al progreso, que ha existido y resiste, según el autor, solapada en los pliegues de distintos discursos *apolíticos* del siglo XX.

Es, sin embargo, dentro de las *tradiciones partidarias* —uno de los conceptos estructurantes del texto— donde encontramos la elaboración más consciente de las imágenes del pasado. La simbiosis entre política e historiografía lleva al autor a concluir que una y otra han sido inescindibles en los discursos de políticos e historiadores. Los ejes sobre los que han polemizado las miradas de blancos y colorados han girado, en primer lugar, en torno a la lectura “correcta” del siglo XIX. Rilla recorre las lecturas de dos autores fundantes de esta asociación entre proyectos políticos y miradas históricas: las de Eduardo Acevedo y Juan Pivel Devoto. Por otro lado, desde la lectura de Rilla el artiguismo ha sido un punto de encuentro entre todas las miradas. “El padre nuestro Artigas” se convirtió en un recurso interpretativo al que todas las tradiciones, de derecha a izquierda, preservaron de la polémica para convertirla, justamente, en la apoyatura de una legitimidad histórica.

El batllismo ha sido otro eje de polémicas: la lectura sobre el “país modelo” que en los años cuarenta hicieron los hombres del “Uruguay clásico”, cimentó la concepción de una nación ordenada y excepcional en el contexto latinoamericano,

democrática e integrada socialmente, con mecanismos de resolución de conflictos inhallables entre sus vecinas. Esta imagen es reseñada en la obra de autores batllistas como Roberto Giudici, Efraín González Conzi y Antonio Grampone. Estas miradas eran totalizadoras y hagiográficas de los gobiernos de Batlle y Ordóñez; sus enemigos sólo representaban la barbarie, el primitivismo, y la ausencia de educación como factor de “liberación y progreso colectivo”.

El revisionismo blanco de Luis Alberto de Herrera vendría a romper esta imagen colorada del pasado uruguayo. Junto a Víctor Haedo, la mirada herrerista releía las tradiciones uruguayas en términos más conservadores y antiilustrados, poniendo, como Taine, el orden sobre la libertad, y descartando por negativa la contribución de la Revolución Francesa a los procesos de emancipación latinoamericanos.

Ese “Uruguay clásico”, edad de oro económica y política va a abrir paso, desde fines de los cincuenta, a un período de crisis que se verá reflejado también en las lecturas sobre el pasado y el presente oriental. La derrota del Partido Colorado en 1958, luego de noventa años de ser un “partido de gobierno”, sumado a la emergencia de candidatos que rescataban el “antipoliticismo”, expresado en el ruralismo de Benito Nardone, enuncia el lento, pero significativo ingreso a la crisis de un *régimen de historicidad*, y la emergencia de relatos pesimistas y oscuros sobre el futuro, y –necesariamente– sobre el pasado uruguayo. La obra de Methol Ferre es, en este sentido, ejemplo de la mutación que se opera entre la “Suiza de América” y el “paisito”.

Los “otros”, los partidos de ideas hacen su ingreso en esta parte de la obra, el surgimiento del Frente Amplio a fines de la década del sesenta está pautando para Rilla el fin de una época: la ruptura

que el frenteamplismo introduce en la tradicional dicotomía política uruguaya se traduce también en una reapropiación del artiguismo, y en una relectura de la historia uruguaya que implanta el materialismo como clave interpretativa. La imagen del pasado que traduce el semanario *Marcha*, las lecturas antiimperialistas de la historia uruguaya, son parte de una crisis de las estructuras políticas que se expresa en la multiplicación hermenéutica. La interrupción del orden constitucional en 1972, con el golpe de Estado de Bordaberry y la inexistente resistencia de las fuerzas de todo el espectro político es, para Rilla, reflejo del nivel de deslegitimación de la democracia en el que había caído el mundo partidario uruguayo y el fin de una época.

Una curiosa conclusión a la que se puede arribar –asumiendo el riesgo de ser catalogado de funcionalista– es que a pesar de su laicismo *enragé*, los uruguayos han recurrido a sustitutos profanos dignos de adoración, y han creado sus propio mitos, fuertes y resistentes, tanto como los dioses y los santos religiosos. Los casos de Artigas y Batlle lo ejemplifican.

El recorrido que ha efectuado José Rilla es, sin duda, un aporte cabal a la reflexión sobre las relaciones entre memoria, historia y política. Podrían señalarse algunas zonas grises en el texto, tal vez, un capítulo introductorio justificable en el formato de una tesis pero innecesario en su traducción al texto, o algunas desviaciones ensayísticas del autor. Sin embargo, en conjunto el trabajo muestra con riqueza de recursos y habilidad interpretativa una original reflexión sobre las formas de construcción del discurso político en el siglo xx latinoamericano.

José A. Zanca

**Julio Faundez: *Democratization, Development, and Legality – Chile, 1831-1973*. Basingstoke: Palgrave 2007. 288 páginas.**

In his introduction, the author (from the University of Warwick) explains why this book is necessary, and he offers a very informative survey of its contents. Part I, “State and Regime Building”, shows the background from 1818 (independence) to 1831, stressing the central position of Diego Portales. After presenting the constitutions, the economy (haciendas, inquilinos), the territorial expansion, he comments the war against Peru and Bolivia (1836-1839), the internal colonialism (campaign against the Mapuche from 1852 to 1883), the War of the Pacific, once more against Peru and Bolivia, the legal codification. “Political Liberalization and Civil War” analyses the division which led to the Civil War of 1891, concentrating on aspects like: separation of powers; patronato; constitutional and electoral reform from 1871 onwards; engagement for the all-important nitrate revenue; rise of the copper production. The period between 1891 and 1924 is characterized as the “transition to a modern state” – from “Gentle Anarchy” and populism to authoritarianism, leading to the Constitution of 1924 (with key words like “labor regulation” and “import substitution”).

Part II, “Party Democracy”, exposes the political realignment (coalitions) from 1932 to 1938, the market failure, the political liberalization, the role of the unions and the stubborn denial of rights to agricultural workers. Then Faundez shows the significance of the conflict between Parliamentarism and Presidentialism, the expansion of executive powers (concerning, for example, price controls and state security). The very detailed histories of the *Controlaría* and of the *Corte Supre-*

*ma* will be of interest only for specialists.

Part III, “Radical Democracy”, presents the most welcome informations for non-specialists, as it is dedicated to the development from President Eduardo Frei to President Salvador Allende and then to the overthrow of his government by General Pinochet. “A Revolution in Liberty” explains the surprising rise of the Christian Democrats (who hoped to remain in power for at least 30 years). The author analyses convincingly, referring to many aspects, where they succeeded and why, after all, they failed to reach their goal. “A Peaceful Revolution” is the history of a well-known tragedy: Marxist orthodoxy believes blindly in a theory which has never and nowhere turned out to be effective. Strangely enough, for a European reader, the cautious Communists tried, in vain, to hold back the radical Socialists. The government proceeded, again and again, to circumvent the Constitution, the reigning laws, ignoring the power of the opposition, losing by and by its legitimacy, butting its head against the wall. Measures like the “decretos de reanudación de faena”, the “decretos de insistencia”, requisition decrees, possessory actions, lead to a decisive conflict with the *Controlaría* and the *Corte Suprema*, which finally ends in the dictatorship of Pinochet. The “Concluding Comments” (13 pages) are a very welcome recapitulation of the contents.

Each chapter starts with an introduction and finishes with a conclusion, is subdivided in many subtitled paragraphs. Faundez demonstrates that the image of Chile as a strictly democratic country (until 1973) is wrong, that from Portales to Frei there is an up and down, that the catastrophe of 1973 had been prepared in the long run by a development which the author exemplifies by many dates throughout the Chilean history. But he

presupposes his reader to be well acquainted with these facts and dates – he rarely mentions the concrete events and persons which / who form the background of his observations. As far as the writer of this review is familiar with the history of the country, and including his own experience in Chile (1965-1970), he agrees completely with the results of the author's investigation.

Appendix A offers the list of “Presidents and Administrations between 1831 and 1973”, in Appendix B we find detailed information about “Presidential Elections 1932-70”, Appendix C is dedicated to “Union Membership and Rates of Unionization 1932-73”, and Appendix D presents the “Comptroller Generals 1927-77”. 6 pages of Notes are followed by 18 pages of Bibliography and 9 pages of a very useful Index.

*Rudolf Kerscher*

**Darlene J. Sadlier: *Brazil Imagined: 1500 to the Present*. Austin: University of Texas Press 2008. 380 páginas.**

En un principio, el propósito de este libro parece una tarea imposible, pues la voluntad declarada de Darlene Sadlier es describir el proceso de formación de la imagen (proto-)nacional de Brasil desde su descubrimiento hasta nuestros días, cubriendo así un período de más de 500 años. Por supuesto, un panorama de esta magnitud solamente puede funcionar con base en una selección aguda del material.

Antes de cualquier crítica, Sadlier tiene razón al justificar su enfoque en la historia cultural del país. A pesar del gran número de buenos estudios acerca del proceso de la formación del Estado-nación moderno, los cuales generalmente subra-

yan la importancia de las instituciones y de los factores sociopolíticos en general –siguiendo a grandes rasgos el modelo elaborado por Benedict Anderson– hay pocas historias culturales de calidad sobre esta temática. Desde los días de Gilberto Freyre, cuya imponente obra al parecer mantiene su lugar cuasi “sagrado” en las ciencias sociales brasileñas, se han publicado realmente pocos estudios sobre el papel de la iconografía y la literatura en el proceso del *nation-building*. En el centro del trabajo de Sadlier están, por lo tanto, los diferentes discursos detrás de los procesos que definen la nación, los cuales han cambiado de significado con el transcurso de los siglos. En este sentido, las primeras imágenes del Brasil colonial, como las vemos por ejemplo en los mapas del descubrimiento o en las primeras crónicas, tienen para ella un valor epistemológico equiparable al desarrollo de la administración política. El hecho de que factores como este último no desempeñen un papel tan importante en su libro, no significa que no haya este tipo de datos e informaciones en él. En conjunto, Sadlier entiende la “superficie cultural” como factor igualmente importante a los ya trabajados por los interesados en el *nation-building*. Por eso, dedica un total de siete capítulos al análisis de las distintas manifestaciones culturales.

El estudio empieza con una indagación sobre el origen de la imagen del Brasil “antropofágico”, es decir, la idea de un territorio sin fronteras definidas, lleno de caníbales salvajes, con una naturaleza exuberante y, por supuesto, lejos de la “civilización” europea. Tales imágenes dominaron gran parte de la época colonial y fueron principalmente forjados por viajeros europeos o los descendientes de los portugueses en Brasil. Dependiendo del contexto histórico y de la posición ideológica de quienes construyeron estas imágenes

nes, la supuesta falta de “civilización” podría tener connotaciones positivas o negativas. Especialmente interesante es el hecho de que muchos de los tópicos del inicio de la Colonia se repetirían en los siglos XIX y XX, e incluso convergirían en el imaginario nacional de la actualidad. De manera ejemplar lo muestra el caso del llamado *ufanismo*, una especie de exageración visual y literaria de los recursos naturales del país, originalmente diseñado para atraer a colonos extranjeros, y que hoy en día se adapta perfectamente a las ambiciones geoestratégicas del “gigante verde”. Lo mismo se puede decir sobre el tópico de la antropofagia, el cual, en la actualidad, se ha alejado de las descripciones gráficas de la famosa crónica eurocéntrica de Hans Staden (*Warhaftige Historia und Beschreibung eyner Landtschafft der wilden, nacketen, grimmigen Menschfresser Leuthen in der Newenwelt America gelegen, 1557*) y, al contrario, se ha vuelto un símbolo de las culturas híbridas del siglo XX. De esta manera, el poeta Oswald de Andrade ya hizo referencia al tópico en los años 20 para indicar que la cultura brasileña tenía la capacidad de reinventarse permanentemente por medio de la “devoración” de elementos culturales ajenos.

En los siguientes capítulos, la autora se dedica más a la literatura que a la imagen (sobre todo respecto al siglo XIX), y destaca la gran importancia de los escritores en el proceso de la formación de la nación, aunque ésta todavía se reducía a un proyecto excluyente y elitista. En el siglo XX, finalmente, entran los campos de la arquitectura, el arte moderno, la radio y la televisión. Al igual que en los capítulos anteriores, se comparan las visiones nacionales autóctonas con las visiones extranjeras hacia el país, enfocándose en las diferentes ideas acerca de la *brasileidade*. El gran mérito del libro de Sadlier es haber reservado la mayor parte de la selec-

ción iconográfica a las imágenes nacionales construidas en Brasil, y no tanto a lo que vieron y escribieron los viajeros europeos y norteamericanos, pues esta “mirada imperialista” ya ha sido el tema de una gran cantidad de estudios poscoloniales.

La gran ventaja del libro, su visión panorámica e informativa de los discursos mediáticos y visuales, es al mismo tiempo su punto débil. Por falta de espacio, una narración de este tipo se queda demasiadas veces en la superficie. Mientras el análisis de las obras literarias deja entrever la capacidad de la autora de contextualizar y analizar la recepción de los escritos, no se puede decir lo mismo de la fotografía, de la arquitectura o del arte. En algunos capítulos las imágenes solamente sirven de ilustración y no son sometidas a un análisis más profundo, el cual incluiría una investigación aguda acerca del contexto de la producción, de la recepción, de la técnica, de las intenciones políticas detrás de las obras, así como de la existencia de series iconográficas o imágenes parecidas. A mi modo de ver, es imprescindible indagar sobre los efectos de gran alcance y las manifestaciones masivas de estas fuentes para poder realizar un verdadero análisis del discurso. La falta de profundidad metodológica es, pues, la deficiencia más grave de este libro, en el cual simplemente se pretende mostrar demasiado. No obstante, aun así se trata de una obra buena, muy amena, y que se recomienda especialmente a personas interesadas en la historia cultural de Brasil, así como a estudiantes en busca de una visión sinóptica. El especialista, empero, no encontrará muchos resultados nuevos.

Sven Schuster

**Sérgio Costa/Hartmut Sangmeister/Sonja Steckbauer (orgs.): *O Brasil na América Latina: interações, percepções, interdependências*. São Paulo: Annablume 2007. 352 páginas.**

Com este livro se abordam, a partir de perspectivas diversas e pela primeira vez com propósito interdisciplinar, as relações entre o Brasil e a América Latina, não somente no campo político, mas também, entre outros, no campo da cultura, do meio ambiente, do ativismo transnacional.

Abrindo com a parte sobre as relações internacionais, Raúl Bernal-Meza, Stefan Schirm, Wilhelm Hofmeister e Bettina Boekle fazem um balanço das relações diplomáticas entre o Brasil e seus vizinhos, e mostram a tensão entre o desejo comum de maior integração intra-regional e a rejeição recíproca dos projetos de poder de cada país.

No campo dos vínculos históricos e culturais, Sabine Schlickers e Ligia Chiappini enfocam, na segunda parte do livro, a literatura da região pampeana, o que se insere num projeto de cooperação inter-universitário (São Paulo, Rio Grande do Sul, Berlim) sobre fronteiras culturais e cultura fronteiriça; enquanto que Horst Nitschack, estudando o giro cultural na América Latina nos casos brasileiro e chileno, distingue três conceitos culturais diferentes na base das controvérsias latino-americanas sobre a relação entre estados nacionais, regiões e globalização: o essencialismo cultural como fonte de resistências contra uma cultura globalizada, e as concepções conciliadoras histórico-estrutural (R. Ortiz) e construtivista (J. J. Brunner).

A seguir, na terceira parte, se discutem a sustentabilidade social e ambiental. Depois da alerta de Carlos Reboratti aos países sul-americanos, de não mais tratar o ambiente como “eterno cuerno de la abundancia” e de abandonar as idéias de com-

plô para colaborar em matéria ambiental, Imme Scholz e Regine Schönenberg analisam projetos de cooperação internacional e a situação da pesquisa científica na Amazônia brasileira. Com relação à questão social, Christiane Ströh estuda o estatus das microfinanças na América Latina, como meio de reduzir a pobreza, e pergunta até que ponto a bancarização brasileira pode servir de exemplo para os países-vizinhos.

Os movimentos sociais e o ativismo transnacional se tematizam na quarta parte. Rainer Rothfuss aponta para a necessidade da União Européia não retirar o seu apoio ao projeto bem-sucedido das redes urbanas URB-AL, plataformas de cooperação entre municípios europeus e latino-americanos. A participação de movimentos sociais nas políticas públicas locais no Brasil, que apresentam um novo desenho não hierarquizado, é enfocada por Maria de Lourdes Dolabela Pereira, e Nilma Lino Gomes reflete sobre a questão racial no Brasil e na América Latina, enumerando uma série de promissoras pistas de pesquisa (como p.ex. a luta e participação das mulheres e da juventude negras, assim como as conseqüências da configuração sócio-racial para a universalização dos direitos humanos). Elisa Guaraná de Castro estuda a situação da juventude rural no Brasil, mostrando a necessidade das pesquisas sobre o esvaziamento progressivo do meio rural problematizarem também a persistente estrutura hierárquica e autoritária nos núcleos familiares (o pai/adulto/chefe-de-família como responsável pela terra).

Fechando todas as reflexões anteriores, Nadya Araújo Guimarães pensa as interdependências entre o Brasil e a América Latina a partir da perspectiva da teoria sociológica, e indaga também sobre o lugar das ciências sociais latino-americanas no pensamento acerca da sociedade contemporâ-



nea. Ela conclui que hoje, a América Latina, com a sua produção teórica sobre o desenvolvimento, e com experiências políticas como p.ex. os orçamentos participativos, provê saídas interpretativas e políticas para o que inquieta as sociedades do “Primeiro Mundo”.

*Mechthild Blumberg*